

**Agnaeldo Áquila Viana dos Santos**

Colégio Militar Tiradentes XIII

E-mail: akilads85@gmail.com

---

## A Ilha dos Caranguejos

Nas ramificações laterais das serras da Crureira, o Itapecuru nasce simplório entre as matas de Mirador. O rio nasce festivo, a dor mesmo é ao longo da sua jornada até desembocar na Baía do Arraial, na porção sul da Ilha do Maranhão. A bacia do Itapecuru passa por 55 municípios e se divide em três cursos: alto, médio e baixo Itapecuru. Eu resolvi viajar de caiaque de Caxias até a foz de Rosário (baixo Itapecuru) e de lá, viajar à Ilha dos Caranguejos. A minha intenção era filmar a destruição da mata ciliar e conseqüentemente, o seu assoreamento, mas a coisa danou para outra. Saí de São Luís, entre junho e julho, meses em que o volume das águas é mais baixo. Não direi muito da viagem de carro até Caxias, não cabe neste pequeno espório narrativo. Digo que cheguei no início de julho, uma segunda-feira tranquila. Levei comigo três câmeras a prova d'água. Uma na ponta da frente e uma atrás do caiaque e a outra acoplada ao meu colete. Foram seis anos de intensa preparação. Não era um menino. Farei em setembro deste ano, 40. Não tinha nenhuma inocência sobre a natureza ou as pessoas. O objetivo era evitar curiosos e ter o máximo de contato com a natureza, mesmo que ela estivesse à beira da morte. Sim, a morte rondava o rio: muitas casas enfileiradas uma atrás da outra, plantações e represas clandestinas assombravam as zonas ribeirinhas. Muitos ribeirinhos acenavam. Por gentileza, eu também, mas sempre os evitava, estava cansado do mundo urbanístico. O ponto de início foi o Porto do Paiol, no povoado Baú. As águas barrentas e a vegetação intensa eram ótimas referências de que ali a destruição ainda não tinha chegado. Coloquei o caiaque na água. Eu estava só. Alguns amigos queriam ir junto, mas eu menti dizendo que iria somente em agosto. Não queria companhia. Somente a natureza seria a minha companheira. Era claro quando iniciei e, quando cheguei à cidade de Caxias, já tinham passado dois dias. Na cidade alguns guris jogaram pedra, mas resisti à tentação de reclamar. Não farei aqui um diário de bordo. O que eu quero contar de fato foi um caso sinistro que ocorreu comigo. Mas todo caso inicia com um caso. Na altura do povoado São Miguel, já de noite, atraquei o caiaque na margem esquerda do rio. Depois que ultrapassei os limites de Aldeias Altas, algo me seguia, eu sentia. O mal está em todo o lugar e, principalmente, nas pessoas. Há pessoas que querem fazer o mal. Não suportam que outros possam viver, elas anseiam. No breu da noite, o vento assobia

caprichosamente, o Curupira se cala, e algo farfalha entre as árvores. A única arma que trouxe, é um punhal pequeno que uso para cortar cordas ou limpar os peixes. À noite não há como navegar. Não ousa gritar. Daria ao agressor motivo seguros de que estou com medo. Não durmo, vigio como uma sentinela. O meu dever é a minha vida. Olho sempre o céu, quase sempre estrelado. O breu reina, os bichos da mata sumiram. Se o Curupira está com medo, estou aterrorizado. O dia amanhece volúvel e inquieto. Nenhuma ave voa ou bicho surge. Meu pescoço dói. Como não pude sair do caiaque, meus pés e o meu tronco latejam. Como não há presença humana próxima do lugar resolvo acampar. Monto a barraca e faço um café da manhã. Durmo por quase três horas. Acordo as 7h. Entro no caiaque e sigo viagem. Alguns dias se passaram. Próximo a Bom Jesus, numa porção larga e floreada de cocais, sinto novamente a presença. Dos dois lados não há nenhum tipo de construção humana. Cocos que caem das árvores se empilham aleatoriamente sobre a vegetação. Por medo, não fico ali. Sigo viagem, as águas mais volumosas e correntias vão acelerando. Olho sempre para os lados. Sei que existem muitas empresas que lançam sem o menor pudor ecológico suas mazelas no rio. Sinto que possam ser capangas querendo me assustar. Dois dias sem sair do caiaque. Medo de atracar e ser atacado. Dois dias sem beber café quente. Só diluo e bebo. Minha mente já caçoa do meu corpo. Tenho um celular analógico para emergências, mas sem sinal há dias. Por mais algumas horas adiante, vejo civilização. Atraco o caiaque e vou até um ribeirão. Não quero lhe contar nada, mas peço um pouco de café. Ofereço 10 reais, mas ele rejeita. A sua senhora, uma mulher de 23 anos, aparentemente mãe de três, me serve o melhor café que bebi na vida, o melhor. Eu choro de alegria e o homem da casa fica estranhado. Não resisto e conto a história do ser misterioso. Ele se impressionou, fala para a esposa e diz que já existem por aqui casos nos arredores de luzes estranhas que vão e vem. Eu digo que não olhei nenhuma. Somente uma presença estranha. A jovem senhora faz o sinal da cruz e se ajoelha para sua padroeira. O homem pede para que eu fique mais um pouco, mas resolvo declinar do pedido. As histórias que conta parece mais uma tentativa de segurança frente ao desconhecido como os antigos mitólogos que criavam estórias para se sentirem importantes. Passo novamente protetor solar e subo no caiaque. Sinto-me, inicialmente, iludido como Odisseu por Calipso. Por mais alguns dias viajo indo de ziguezague entre as já calmas águas e cocais, volto a senti-lo como um vento forte vindo da copa das árvores. Não consigo olhar para cima, o sol dói, mas sinto algo sobre mim. Chego à cidade de Codó e resolvo dormir num hotel à beira rio. Não era a intenção em nenhum momento sair da natureza, mas já estava por quase seis dias sem dormir. Estava com

medo de desmaiar e morrer afogado. Fiquei por quase doze dias. A cidade é até bonita, mas há tantos cascudos que te olham nos cantos do quarto que você se sente impelido a dar a eles uma migalha de pão todos os dias. Paguei e sai as 2h da manhã. Sentia que tinha tirado *Schwartzmann* das costas. Eu rio para a mata braba, “eu rio na cara do perigo”. Dias fiquei viajando, hoje é a primeira vez que encontro com pescadores. São quase 5h, eles arrastam suas redes rio acima de uma margem a outra, preciso parar para esperar que terminem sua labuta. Um deles ri e diz qualquer coisa para outro se dirigindo a mim, eu não respondo. O sol surge rasteiro. Os cocais típicos se tornam raros ao ponto de eu pensar que a mata de cocais sumiu. Há muitas casas de ribeirinhos, quase sempre humildes. É um povo trabalhador que luta de sol a sol para viver, mas que destrói sem nada a ver, e por outro lado, a natureza sempre responde com seus altos níveis de intempéries. Depois que saí de Codó, chego numa região que parece uma península de pedra. Passo e sigo viagem. O rio antes barrento agora, parece escuro, mas continua valente no seu percurso até o mar. Resolvo descansar as 17h na margem direita, porque por horas não via nenhuma alma. Atraco o caiaque. Acendo o fogo a gás. Preparo o meu miojo. Tudo estava tranquilo. Armo minha barraca. Decido dormir por lá. As 18h, o breu já reina. Ligo a lanterna e vejo uma cotia devorar um coco babaçu. É a primeira noite no mato depois da temporada em Codó. Acordo feliz e animado. Preparo o café e sigo viagem. Um pouco antes de Coroatá, as águas se agigantam, correntezas fazem com que o caiaque, pela primeira vez seja testado. Ele se sai bem. Continuo a viagem intrépida e não sinto mais aquela presença estranha. Imagino que fossem moleques ou curiosos que perdendo distância resolveram voltar. Neste percurso que estou a mata sempre parece escura, como se as pessoas não habitassem ali. Vejo alguns animais indo beber na margem do rio. Sinto vontade e choro. Alguns metros, num banco de areia, encontro uma mulher, talvez com 20. Ela abre um sorriso largo. Fico por alguns minutos receoso, mas me dirijo a ela. Digo que estou vindo de Caxias, não digo que fiquei quase um mês em Codó. Ela disse que saiu do Val do Jaboque há quase três horas e estava um pouco assustada com a correnteza. Pediu para seguirmos viagem até Itapecuru Mirim se eu autorizasse, eu concordei com a cabeça. Ela abriu novamente o sorriso. Seguimos viagem e paramos numa área que tinha sido usada recentemente para um plantio. Ela parecia empolgada demais e confiante demais na presença de um desconhecido. A primeira regra de um viajante solo, é: nunca puxe assunto ou aceite coisas de um desconhecido. Ela estava lá, no meio do mato com um total desconhecido, mas eu não era um monstro. Só um chato. Depois de dias chegamos ao povoado São Brasília e ela decidiu mudar os rumos e pegar um braço d’água.

Confesso que isso me alegrou profundamente. Depois continuei. Dias viajando cheguei a um percurso que fazia um esse e que ficava a algumas horas de Coroatá. Em Coroatá fui alvo de curiosos que perguntaram o que fazia, eu não quis responder com sinceridade. Inventei uma desculpa. Passados alguns dias, chego nas proximidades de Itapecuru Mirim, onde encontro um banco de areia gigantesco. A água bate no meu tornozelo. Ao ponto de arrastar o caiaque. Fico andando por quase 8 minutos até encontrar água. Encontro muito lixo e até mesmo animais mortos: é o próprio Ganges. O rio novamente ganha uma cor escura em alguns pontos. Na prainha do Cupim, ocorre o primeiro sinal. O vento sussurrava novamente como da primeira vez. Os animais sumiram. O céu fica nublado. Senti o pior. Resolvo acampar por lá numa área que parece uma várzea de buritizais. Armo a barraca e amarro o punhal num galho. Não há sinal telefônico. O gps desligou e não liga mais. Deixo as câmeras ligadas. Com a minha lança artesanal aponto em direção a mata, grito pela primeira vez, saiam daí, mas ninguém surge. Mordo os lábios, suo como um porco e grito novamente. Um galho se quebra em pouca distância a que estou e por um instinto pulo na água. Ela está fria, o leito não está fundo, sinto-o, vou para a outra margem, alguma coisa vai até a minha barraca e a derruba. Sinto o medo a me puxar para baixo, não consigo gritar. Agora olho para os lados, o medo arrebenta, penso que eles estejam ali também na outra margem. Eles mexem em tudo. Com medo, subo numa palmeira, mas não consigo, então cubro-me com uma folha de babaçu. Na hora nenhuma cobra aparece, mesmo que seja típico delas estarem ali. Como um louco, sinto a presença de um zumbido, então uma luz encandeia tudo. Não consigo enxergar absolutamente nada. Algo bate no meu ombro e caio. Acordo as 10h da manhã com dores no corpo todo. Da margem vejo que o caiaque está preso, mas a barraca foi totalmente destruída. O que poderia ter feito aquilo? Decido que vou descansar em Itapecuru Mirim, inicialmente pensei em desistir, mas julguei que tive insolação, era a única explicação lógica. Eu mesmo fizera aquilo, era a única maneira racional. Fui para um hotel e deixei meu caiaque no quarto. Fui para uma clínica particular e o médico informou o que eu já sabia: insolação e falta de vitamina b12. Fiquei internado por oito dias. Avisei por telefone ao gerente do hotel que ficaria na clínica que não se preocupasse com nada que pagaria pelas diárias. Passados estes dias, fui ao supermercado da cidade e comprei sete latas de sardinha e cinco de atum. Decidi que aquilo foi uma peça da minha mente. Fiquei ainda mais dois dias. Paguei e saí às 4h da manhã. Olhei a ponte, tinha sua beleza. O rio florava, mas se via muito lixo. Segui viagem. Por algumas horas cheguei ao Quilombo Santa Maria dos Pretos, algumas lavadeiras já de idade me olharam e riram e duas jovens gritaram, em

uníssonos, venha aqui viajante, mas decidi pela tática de Odisseu, melhor mesmo é se amarrar no mastro da consciência e ir embora. Depois de três dias, chego num outro banco de areia. Num deles, ando por dez minutos por areia seca, e mais três, de água até o tornozelo, e aí, caio em um buraco submerso. Se não fosse o colete e o próprio caiaque tinha morrido. Agora, em São Miguel, próximo a Rosário, vejo a indústria da construção retirando areia do leito, dragas monstruosas chupam toda a vida do rio. Decido que vou descansar no Povoado São Simão, carrego o caiaque até a margem, converso com senhores de certa idade que andavam pela margem e falam do festejo do “*porco na rede*” que vai acontecer em dezembro. Eles contam que levam o animal vivo pelo povoado numa rede e no final fazem o sacrifício e a comilança. Acho engraçado. Fico até as 15h. Em Miranda do Rosário, entro no Estreito do Mojo com destino a Ilha dos Caranguejos. Não queria entrar direto em mar aberto. No outro dia, já beirando as 10h, passo pelo estreito dos Mosquitos, as ondas e a sensação de medo tomam conta, olho de cima e vejo carros correndo como loucos, saltando entre os buracos da ponte, desta banda, chego ao rio Mearim, próximo da Baía de São Marcos, a lama impede que eu navegue, então caminho por 1h, chego numa vala, o sol sumiu faz um bom tempo que é certo. Entre barulhos de sapos e grilos eu chego à ilha. Na ilha não há nada de especial. Só decidi que iria passar o meu aniversário lá, mas ele foi ontem, os atrasos custaram seu preço, mas decidi acampar assim mesmo. Como nessa hora a maré já estava recuada, decidi que melhor mesmo era esperar até às 17h e seguir viagem até Alcântara. Eu tinha alugado uma casa por lá, a intenção seria uma viagem por cabotagem. Amarrei o caiaque nas raízes do mangue, havia muito plástico preso. Abri uma lata de atum e comi com miojo, guardei a lata. Tomei um copinho de vinho que comprei em Caxias. Decidi que iria dormir as 16h, as 17h, já estava preparado para partir. Novamente não olhei nenhum animal na ilha. Decidi que sairia às 17h40. Contornei a península, próximo ao navio fantasma. No mar, a câmera da frente estava torta, resolvi me agachar e consertar. Neste momento fui levantado por 15 metros acima e, depois, caí. As câmeras do caiaque se perderam. Fiquei boiando por alguns segundos até voltar a consciência. Achei os destroços do caiaque. O medo tomou conta. Aquilo poderia atacar ou me engolir novamente. Tomei coragem e nadei até a ilha. Parecia que tinha sido levado para muito longe. Nela, eu lembrei da câmera do colete, peguei ela e tentei olhar o que era, mas pouca coisa deu para ver. O animal parecia uma baleia e ao mesmo tempo não. Decido que melhor é dormir na ilha. O frio bate. Às 22h o céu é iluminado e um som estranho surge. Eu estava amarrado às raízes das árvores que ficam expostas no mangue, evitando ser levado pela maré.

O medo surgiu. Não conseguia ver direito. Decido correr, mas acabo caindo. Me arrasto até a margem e tento nadar, mas algo me puxa pelos pés. Grito horrorizado. Sou arrastado entre a areia, as pedras e os galhos. O meu corpo é destroçado. A figura estranha me puxa. Grito para ela: me solta, me solta, desgraçado. Senti na hora que o chão ia explodir. O meu corpo começou a ferver e uma outra coisa veio até mim e me puxou para cima, a luz impediu que eu viesse o seu rosto. Quando caí, apaguei. Depois disso, não lembro de mais nada.